

---

# O ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA: PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

## ***TEACHING AS A STRATEGY TO FACE VIOLENCE: A PROPOSAL FOR A PEDAGOGICAL WORKSHOP***

**Guilherme Cesar Cordeiro dos Santos**

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

E-mail: gui.gui.cesar@hotmail.com

**Pedro Henrique Carnevalli Fernandes**

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

E-mail: pedrofernandes@uenp.edu.br

### **RESUMO**

É indispensável o entendimento do fenômeno da violência em totalidade de modo a entender como ela interfere na sociedade. No ambiente escolar não é diferente, ou seja, a violência na escola vem atingindo índices prejudiciais às pessoas e ao ensino-aprendizagem. O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno da violência e propor uma oficina pedagógica de modo a demonstrar o ensino como uma estratégia de enfrentamento desse movimento. Os procedimentos metodológicos para a realização deste artigo foram: levantamento e leitura de material bibliográfico acerca da violência e da violência na escola; elaboração de uma oficina pedagógica; e, por fim, elaboração da redação final do artigo. Os resultados sinalizam que a violência é uma realidade na sociedade brasileira, inclusive alcançando e repercutindo no ambiente escolar, por isso, é preciso políticas públicas de enfrentamento.

**Palavras-chave:** Geografia da Violência. Violência Escolar. Ensino.

### **ABSTRACT**

*It is essential to fully understand the phenomenon of violence to understand how it interferes in society. In the school environment it is no different, that is, violence at school has been reaching levels that are harmful to people*

*and to teaching and learning. The present work aims to analyze the phenomenon of violence and propose a pedagogical workshop to demonstrate teaching as a strategy to face this movement. The methodological procedures for the realization of this article were: survey and reading of bibliographic material about violence and violence at school; elaboration of a pedagogical workshop; and, finally, preparation of the final wording of the paper. The results indicate that violence is a reality in Brazilian society, including reaching and having repercussions in the school environment, therefore, it is necessary to have public coping policies.*

**Keywords:** *Geography of Violence. School Violence. Teaching.*

## INTRODUÇÃO

É possível perceber um aumento da violência em ambiente escolares, consequência da violência existente na sociedade de modo geral. Assim, este trabalho, pertencente à chamada Geografia da Violência, pretende contribuir com o debate sobre o assunto, sobretudo no ambiente escolar. Além disso, o trabalho propõe pensar a educação e o ensino como estratégias de enfrentamento da violência nas escolas.

O trabalho tem como objeto de pesquisa discorrer acerca da violência e da violência escolar e apresentar uma proposta de oficina pensada no combate à violência. Nessa perspectiva, o trabalho não tem a obtenção de fazer crítica alguma ao trabalho dos docentes e da equipe pedagógica, mas, pretende somar no debate, para que se possa pensar em práticas que combatam à violência na escola e façam com que os alunos se sensibilizem quanto ao assunto, incluindo o *bullying*.

É fundamental destacar que devido à pandemia de Covid-19, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, a realização de trabalho empírico foi comprometida. Por isso, esta etapa do trabalho tem um debate mais reflexivo e propositivo e, em outros momentos, a oficina pedagógica poderá ser aplicada em uma escola.

Os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa foram: levantamento e leitura de material bibliográfico acerca da violência e da violência na escola; elaboração de uma oficina pedagógica para ser aplicada aos alunos, na tentativa de levar a temática da violência para ser debatida em sala de aula; e, por fim, elaboração de produtos cartográficos e da redação final deste artigo.

O artigo está estruturado em duas partes, além da introdução e das considerações finais: na primeira, apresenta-se um debate teórico e conceitual sobre a violência, a violência urbana e a violência na escola; na segunda parte, apresenta-se a Oficina Pedagógica “O fenômeno da violência e o combate às práticas violentas na escola”.

É fundamental destacar que a oficina não é imutável, ou seja, ela pode ser adaptada de acordo com a necessidade do professor ou a característica da escola. Portanto, trata-se de uma proposta dialogada.

## A VIOLÊNCIA, A VIOLÊNCIA URBANA E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A palavra “violência” causa, geralmente, espanto, medo e insegurança, sentimentos que fazem parte do cotidiano de inúmeras pessoas que vivenciam o fenômeno diariamente. Por outro lado, ela também cria a necessidade de proteção e de segurança a partir da promoção de políticas

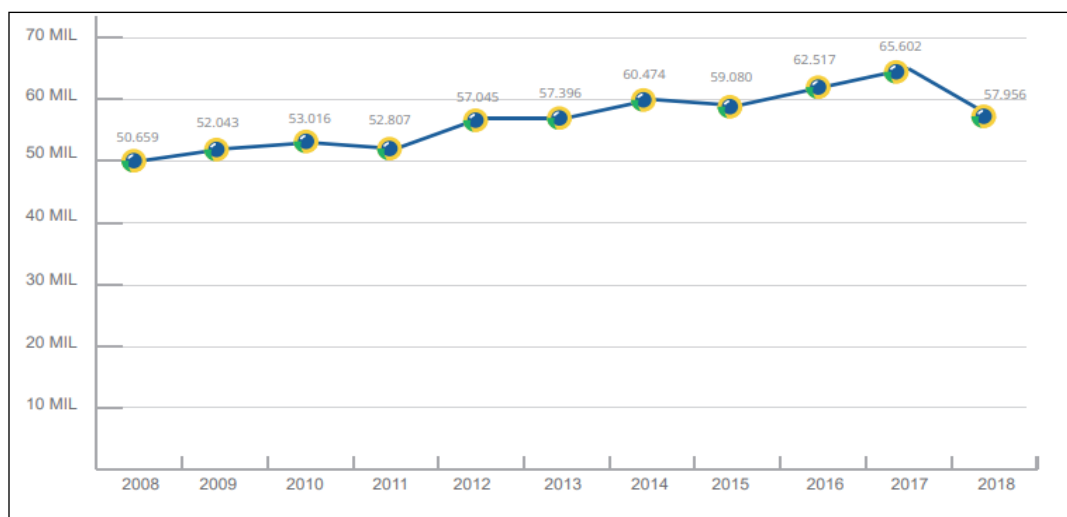
## O ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA: PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

públicas de enfrentamento do fenômeno. A violência é tipificada de diferentes formas. Ferreira e Pena (2005, p. 157) pontuam que “violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social, à omissão do Estado, ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria os enclaves de pobreza e as periferias”.

Para buscar explicar o tema de risco nos estudos da sociedade, Souza (2008), a partir das construções do sociólogo alemão Ulrich Beck, de 1986, vê como problema central na sociedade a divisão entre “eu tenho fome” e o “eu tenho medo”, sendo que essas frases mostram que uma parcela da sociedade que sofre a desigualdade e outra que tem uma classe social diferente e convive com o medo, o “eu tenho fome” e o “eu tenho medo” acabam convivendo de maneira complexa na mesma realidade socioespacial.

De acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020), ocorreram 57.956 homicídios no Brasil em 2018. Um valor expressivo e alarmante, sendo que a maioria dessas mortes são provocadas por arma de fogo. A Figura 1 apresenta a evolução no número de homicídios no Brasil, entre 2008 e 2018. Os números da violência do Brasil assustam.

Figura 1 – Evolução no Número de homicídios no Brasil, 2008 – 2018.



Fonte: IPEA (2020).

Além disso, parece existir uma “escolha” das vítimas: dentre as vítimas, encontram-se os jovens (pessoas entre 15 a 29 anos), como as maiores vítimas de homicídio, já que foram 30.873 jovens vítimas de homicídios no ano de 2018; já o feminicídio, foram 4.519 mulheres assassinadas em 2018, significando 4,3 homicídios em cada 100.000 habitantes mulheres; os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios em 2018; e, por fim, houve registros de casos que atingiam a população LGBTQI+, esses dados são apresentados pelo IPEA (2020).

As pessoas procuram uma resposta sobre a existência da violência, que vem sendo reproduzida durante muito tempo e mostra um reflexo de uma sociedade que tem formas diferentes de convivência, o que isso cria novos atrito que podem gerar novo atos de violência.

Em todo processo histórico, a violência esteve presente, ou seja, no Brasil ocorreu uma colonização extremamente violenta, onde a escravidão era o maior ato de violência praticado, primeiramente, por tirar os africanos dos seus países de origem e trazê-los ao Brasil de forma

desumana. Depois, já em solo brasileiro, a sua escravização e o sofrimento dos atos violentos praticados pelos seus senhores, além do trabalho pesado e sem direitos (RIBEIRO, 1995). Ainda conforme esse autor, as mulheres também sofriam agressões e elas eram obrigadas a servir as esposas dos senhores nesse período:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atroz, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses (RIBEIRO, 1995, p. 118).

A violência passou a ser nesse período um meio de demonstração de poder contra a minoria e não havia punição para os agressores, pelo contrário, caso os escravos tivessem a pretensão de organizar uma rebelião, a resposta vinha com mais violência, gerando, também, o medo (RIBEIRO, 1995).

Por muito tempo, a violência era tida como algo “normal”, sobretudo a violência contra a mulher e contra as crianças. A própria sociedade construía esse pensamento que era imposto para muitas mulheres e até hoje muitas mulheres têm medo de denunciar, sobretudo pela falta de confiança no sistema.

A violência se tornou uma questão de debate político, educacional e científicos com o objetivo de compreender o fenômeno ou até mesmo criando meios de combatê-la, trazendo discursos que são amplos, complexos, apresentando estudos com pontos de vistas e olhares distintos sobre as diferentes realidades.

A violência se propaga pelos centros urbanos e a cidade começa a apresentar um cenário de medo, principalmente, em determinados períodos. Conforme a violência se manifeste nos centros urbanos, a paisagem muda e começa a ganhar grades de proteção, cercas elétricas, câmeras de segurança, seguranças, toda essa insegurança causa uma dicotomia: mais proteção ou construção da própria prisão? A insegurança pelo medo da violência na cidade faz muita gente se prender e acaba, de certa forma, privando as pessoas. Um sério problema da violência urbana é a desigualdade socioespacial, ou seja, são “dois mundos” dentro de um mesmo espaço:

Os espaços elitizados das classes dominantes caracterizam-se pelo consumo de bens e de infraestruturas com alto padrão de qualidade e de técnica, financiados pelos governos. Nos espaços periféricos predomina a cultura da pobreza e sua dinâmica para reduzir os efeitos devastadores do desemprego (principalmente por intermédio do comércio informal) e das necessidades habitacionais imediatas. Sem opção no mercado imobiliário, com pouco ou nenhum financiamento público ou privado, predomina a informalidade e a autoconstrução, que não atende às exigências mínimas de uma habitação normal. Podemos dizer que são os espaços-conteúdos da cultura da subsistência (FERREIRA; PENA, 2005, p.158).

Assim, é importante mais estudos dentro da Geografia da Violência para entender as complexidades e os níveis de igualdade que ocorrem no espaço geográfico. O que se pode perceber

## O ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA: PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

é que, muitas vezes, os próprios moradores dos espaços marginalizados sofrem uma violência justamente por morarem nesses locais.

Logo, a cidade se torna um cenário do medo, por isso, Souza (2008) destaca o termo “fobópole”. Ele é utilizado para explicar esse cenário, a palavra é derivada de palavras gregas *phobos*, que significa “medo”, e *polis*, que significa “cidade”. A palavra expressa o medo que cerca a cidade e o crescimento da insegurança, fazendo que o território urbano seja dominado por uma realidade violenta. Os fatores que levam ao grande crescimento da violência no cenário urbano são inúmeros, como o tráfico, a fome, a oposição de ideias, o território, o poder, entre outros.

Em algumas cidades, praças e lugares públicos não são mais frequentados, principalmente, nos períodos noturnos, pois, tornam-se paisagens do medo (TUAN, 2005). De acordo com esse autor, algumas paisagens, principalmente, as urbanas podem trazer a sensação de prazer, de alívio, mas outras causam medo, aflição e angústia. A noção da existência da violência somente nas cidades grandes já vem sendo desconstruída por alguns pesquisadores. Atualmente, é possível perceber que as cidades pequenas, anteriormente consideradas calmas e refúgios para quem queria sair de espaços marcados pela violência, já registram um grande índice de violência, sendo que um dos principais motivos é o aumento do tráfico de drogas (ENDLICH; FERNANDES, 2014).

Endlich e Fernandes (2014) mostram que a violência tem sido considerada quase como um atributo inerente às áreas urbanas, constituindo-se um resquício, que, claramente, tomou maior proporção a partir da consolidação do capitalismo e se intensificou com o advento da globalização. Nesse sentido, ela se tornou desterritorializada e onipresente, não pertencendo apenas a um só espaço e não condicionada a um grupo social exclusivo.

Já nas escolas, a violência ocorre em decorrência da sua própria existência no espaço geográfico. Logo, a escola, inserida no espaço e na sociedade, reproduz os fenômenos existentes. Ao mesmo tempo, a escola é um lugar de resistência ao fenômeno da violência. Aquino (1998, p. 8), com a intenção de problematizar a violência nas escolas, apresenta duas tônicas fundamentais: a violência simbólica e a violência concreta:

No primeiro caso, tratar-se-ia de perseguir as consequências, geralmente conotadas como perversas, das determinações macroestruturais sobre o âmbito escolar, resultando em reações violentas por parte da clientela. No segundo, de pontificar um diagnóstico de caráter evolutivo, quando não patológico, de “quadros” ou mesmo “personalidades” violentas, influenciando a convivência entre os pares escolares. Em ambos os casos, a violência portaria uma raiz essencialmente exógena em relação à prática institucional escolar.

De fato, a violência na escola parece mesmo assumir essa raiz exógena, mas com ocorrência no espaço escolar. Sociologicamente, a escola é a segunda instituição em que todos são inseridos: primeiro, passa pela família, onde se recebe a educação e se reproduz as culturas adquiridas, logo, as pessoas possuem personalidades diferentes e modos opostos de viver, assim, na escola, encontra-se com pessoas que pensam diferente, então, surgem os conflitos (AQUINO, 1998).

A sala de aula não pode ser um ambiente onde a violência predomina, muitas escolas têm índices altos de violência e não encontram soluções para acolher o aluno violento. O trabalho do docente é dificultado, por vezes, ele não consegue atingir o que almeja na sala de aula devido à desordem e até à própria violência, e muitos profissionais desistem de atuar nessa área devido ao

medo (SCHILLING, 2004). A escola, então, também acaba se transformando em um ambiente de medo. Ainda conforme esse autor:

A escola é estudada, também, como o lugar de reprodução das desigualdades sociais, das desigualdades de gênero e raça, da produção de pobreza e da exclusão. Teria assim sua cota de violências socioeconômicas. Há, também estudos que apontam que se educação implica sempre algum grau de “colonização”, pois a escola é uma instituição fundamental na história da “ofensiva civilizadora” da modernidade, é também o lugar da superação das desigualdades sociais, da construção da democracia e dos direitos humanos (SCHILLING, 2004, p. 61).

Schilling (2004) destaca que na escola também está presente a violência da indiferença cercando a vivência dos alunos. A violência doméstica também está presente no cotidiano das casas de alguns alunos e, por conseguinte, influenciam na escola. Ainda conforme este autor:

Tratar a violência que ocorre nas famílias é uma das formas de prevenir a violência fatal, inclusive a criminal. Os jovens falam da violência sexual, do espancamento, das brigas. Violência, portanto, que acontece contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, o portador de deficiência, o doente mental, aquele (a) com orientação sexual diversa. É uma dimensão da violência ligada ao alcoolismo, ao desemprego e, acrescento, a uma estrutura familiar que acrescenta todo seu peso no papel masculino (SCHILLING, 2004, p. 90).

Schilling (2004) destaca também que a violência social que aparece nas escolas, ou seja, a situação das diferenças de classes acaba culminando em uma porcentagem das causas da violência escolar. Questões como preconceito, homofobia e discriminação por classe social, que são formas de violência, acabam demandando uma atenção especial dos profissionais da educação.

Atualmente, observa-se outro desafio nos ambientes escolares, sobrecarregando, principalmente, os professores: o *bullying*. De acordo com Candau (2002, p. 142): “os docentes vão encontrar dificuldade em identificar as formas de violência presentes nas escolas e muitas vezes não se dão conta de que também estão envolvidos na situação e devem ser agentes de transformação social”.

Então, é preciso refletir sobre o papel do professor e da escola em relação ao *bullying*. O *bullying* é uma violência invasiva e muitas vezes os alunos manifestam os sinais em casa ou no silêncio na sala de aula, sendo que a escola deve ficar atenta aos alunos que apresentam um comportamento estranho, uma queda repentina no aprendizado e se há na sala ações agressivas a esse aluno (CANDAU, 2002).

O professor, por sua vez, por passar mais tempo na sala de aula, ao perceber a situação deve comunicar a equipe pedagógica e, se possível, trazer em sua aula algo que fale sobre o *bullying* de forma que isso sensibilize os alunos. O professor deve falar sobre *bullying* não apenas em sala de aula, mas, também, nas reuniões, conselhos de classes, encontros pedagógicos e de formação. Cabe dizer que falta formação para muitos desses professores nessa área, mas, o professor pode fazer uso de todo material disponível que ele tiver (CANDAU, 2002). Na próxima seção do artigo, aborda-se uma proposta de enfrentamento à violência no ambiente escolar: uma oficina pedagógica.

## OFICINA PEDAGÓGICA “O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E O COMBATE ÀS PRÁTICAS VIOLENTAS NA ESCOLA”

Uma das formas eficientes no combate à violência é a educação. Por isso, este trabalho propõe uma oficina de combate à violência no ambiente escolar. A oficina foi elaborada para ser aplicada em sala de aula das séries finais do ensino fundamental e, também, no ensino médio. Devido à pandemia de Covid-19, a oficina não foi aplicada para esta pesquisa.

A proposta de oficina tem como princípio auxiliar a intuição a combater à violência e se mostra como algo propositivo. Porém, para a realização da oficina é preciso conhecer a escola, ouvir os gestores, professores e funcionários e somente assim montar o campo e realizar a oficina nos alunos. Também é recomendado que anteriormente a oficina seja passada a proposta aos professores e que também seja realizada uma palestra aos docentes sobre violência na escola, incluindo o *bullying*.

Além disso, o projeto da oficina não pode parar após a execução, ou seja, é preciso voltar a escola para saber os desdobramentos da aplicação da oficina no ambiente escolar. Igualmente, depois de um período, é preciso constatar se precisa intensificar o projeto e/ou realizar novas etapas. O Quadro 1 apresenta a essência da Oficina “O fenômeno da violência e o combate às práticas violentas na escola”.

Quadro 1 - Oficina “O fenômeno da violência e o combate às práticas violentas na escola”

DESCRIÇÃO DAS OFICINAS	
<b>Objetivos:</b> - Apresentar aos alunos o fenômeno da violência, de modo a fazer com que reflitam sobre o quanto ele é prejudicial ao ensino. - Gerar um produto final a partir das vivências dos alunos.	
<b>Encontro 1</b>	Debate teórico sobre “O que é violência?” a partir de referencial teórico e do uso de música e realização de atividades práticas – produção textual e produção de um relato ou desenho sobre a vivência dos alunos
<b>Encontro 2</b>	Debate sobre “Violência na escola: combatendo o <i>bullying</i> ” a partir de material teórico e da realização de roda de conversa: o <i>bullying</i> como grande fator para a violência na escola
<b>Encontro 3</b>	As consequências da violência – uso de vídeo, com debate de um documentário, e das produções do primeiro encontro.
<b>Encontro 4</b>	Propostas e montagem do produto final
A proposta de oficina apresentada é para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. É importante destacar que a oficina pode ser modelada ou adaptada para a realidade de casa escola. A duração de cada aula pode variar de duas aulas a quatro aulas por encontro. Neste artigo, recomenda-se duas horas por encontro.	

Fonte: Elaborador dos autores.

Os objetivos dela são: (i) apresentar aos alunos o fenômeno da violência, de modo a fazer com que reflitam sobre o quanto ele é prejudicial ao ensino; e (ii) gerar um produto final a partir das vivências dos alunos. É importante destacar que a oficina pode ser modelada ou adaptada para a realidade de casa escola. A oficina é pensada em quatro encontros, que podem variar

de duas a quatro aulas por encontro, dependendo da série e da carga horária que se pretende alcançar. Na proposta apresentada neste artigo, recomenda-se uma oficina de oito horas, ou seja, cada encontro sendo composto por duas horas aula. Após o quadro, apresenta-se a apostila montada para a realização da oficina.

## OFICINA “O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E O COMBATE ÀS PRÁTICAS VIOLENTAS NA ESCOLA”

### Encontro 1: O que é violência?

#### Minha Alma (A paz que eu não quero)

A minha alma 'tá armada  
E apontada para a cara do sossego  
Pois paz sem voz paz sem voz  
Não é paz é medo  
As vezes eu falo com a vida  
As vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
Conservar para tentar ser feliz  
As vezes eu falo com a vida  
As vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
Conservar para tentar ser feliz  
A minha alma 'tá armada  
E apontada para a cara do sossego  
Pois paz sem voz paz sem voz  
Não é paz é medo  
As vezes eu falo com a vida  
As vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
Conservar para tentar ser feliz  
As vezes eu falo com a vida  
As vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
Conservar para tentar ser feliz  
As grades do condomínio são para trazer proteção  
Mas também trazem a dúvida se é você que 'tá nessa prisão  
Me abraçe e me dê um beijo  
Faça um filho comigo  
Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo, domingo  
Procurando novas drogas de aluguel  
Nesse vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Compositores: Alexandre Monte De Menezes / Lauro Jose De Farias / Marcelo De Campos Lobato / Marcelo Falcao Custodio / Marcelo Fontes Do Nascimento Vi Santana  
Letra de Minha alma (A paz que eu não quero) © Warner Chappell Music, Inc



Referências recomendadas

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.  
SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

**Observação para o docente 1:** o professor pode trazer fragmentos das referências recomendadas ou levar referências que já utiliza no seu cotidiano. É importante deixar a música tocar enquanto os estudantes fazem a primeira parte da atividade.

**E1.1)** A música retrata a violência nas cidades e a busca pela paz em um cenário onde uns querem paz e outros querem guerra. Precisamos ter voz, pedir paz, mas não apenas pedir, ou seja, é preciso agir e falar sobre a existência e as vivências do fenômeno da violência. O que é violência para você?

**Observação para o docente 2:** Após o término, fazer um debate sobre as respostas. Na sequência, cada estudante vai receber a coletânea de figuras abaixo e uma folha em branco. Eles deverão apresentar um relato ou um desenho sobre alguma violência enfrentada por eles ou por conhecidos. Os resultados serão utilizados no terceiro encontro...

**E1.2)** Após o debate sobre o fenômeno da violência, analise cada imagem. Na folha em branco, você deverá fazer um relato ou um desenho sobre alguma violência enfrentada por você ou por algum familiar/amigo. Assine o relato com um pseudônimo e tente refletir com seu produto: “Quem está nessa prisão?”



**Observação para o docente:** guarde cada uma das folhas entregues pelos participantes em um envelope para serem utilizados no terceiro encontro. É importante o professor ler o material antes do terceiro encontro de modo a separar as produções adequadas.

## Encontro 2: Violência na escola: combatendo o *bullying*

### FIQUE LIGADO!

O *bullying* é o ato sistemático de importunação, ameaça e de uso de violência, física ou emocional, sobre um indivíduo por uma ou mais pessoas. Uma das características do *bullying* é seu caráter repetitivo, ou seja, trata-se de uma prática de abuso que acontece com regularidade e em um determinado contexto. Portanto, o *bullying*, mais do que uma ação isolada motivada por uma briga pontual, é uma prática que se baseia na intimidação constante e permanente. É a cotidianização desses assédios que mina paulatinamente a autoestima e transforma a vida das vítimas em um pesadelo de perseguição e depreciação, ao passo que as ofensas vão sendo interiorizadas pelas vítimas, refletindo negativamente na capacidade de formação de uma autoimagem não distorcida. Essa repetição, por sua vez, pauta-se em uma assimetria de poder, em uma percepção por parte do grupo ou indivíduo assediador de uma pretensa superioridade frente à vítima. Esse desequilíbrio geralmente surge das diferenças entre raças, classes sociais, credos religiosos, gênero ou orientação sexual e aparência física. Com o avanço das tecnologias de comunicação, as práticas de *bullying* não se resumem mais aos ambientes escolares ou de outras instituições, mas também se ampliaram para o mundo virtual: o *ciberbullying*. Uma característica que define a prática de *bullying* é de que ela se refere a um ato intencional, quer dizer, aquela pessoa ou grupo que realiza o *bullying* contra uma vítima tem a intenção expressa de provocar dor ou dano, seja físico ou emocional. A natureza sistemática e a assimetria de poder que se mostram no *bullying* possuem explicações estruturais.

Fonte: INFOESCOLA. 2020. Texto originalmente publicado em: <https://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola/>

### Referências recomendadas

LEIA +: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2002.

**E2.1)** Depois de lermos o texto sobre *bullying*, vamos fazer um círculo e uma roda de conversa interativa para debatermos o assunto, principalmente, como ele afeta os alunos e quais as alternativas que podemos adotar para o fim dele.

### Roteiro da roda de conversa interativa:

- Inicialmente, os convidados falarão sobre o *bullying* (sugere-se a participação de pedagogo e/ou professor e/ou psicólogo e/ou assistente social etc.);
- Após os convidados, os alunos devem fazer comentários e, também, perguntas aos convidados;
- Depois a roda de conversa inverte, os convidados farão perguntas aos alunos.
- Por fim, o professor faz o encerramento.

### Encontro 3: As consequências da violência

#### Documentário: A Guerra do Brasil – Jornal O GLOBO

**Tempo:** 14 minutos e 23 segundos.

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=db2iEZ1QwmE>

#### E3.1) Debate do documentário

A violência é a negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade e a vida. É uma permanente ameaça à vida pela constante alusão à morte, à supressão e à anulação. Além da violência estrutural entre as classes, há um tipo de violência que permeia todas as classes sociais, como a violência de natureza interpessoal, campo onde se situa a violência doméstica. Vamos debater o documentário.

**Observação para o docente 3:** após o debate do documentário, volte as atenções para abordar as consequências da violência. Para isso, entregue aleatoriamente um envelope – produzido no encontro 1 - para cada aluno.

#### E3.2) As consequências da violência

Após o debate, abra o envelope recebido e expresse o que sente ao ler o relato ou desenho. Vamos refletir sobre as consequências da violência na vida das pessoas e no ambiente escolar.

**Observação para o docente 4:** o objetivo é sensibilizar os alunos sobre as consequências que podem ser trazidas pela violência dentro da sala de aula, fazer com que eles possam olhar o outro através do outro, pensar nas consequências de suas atitudes antes de praticá-las.

### Encontro 4 – Propostas e Produto Final

**E4.1)** Hoje, vivemos em um cenário de violência nas salas de aulas e, infelizmente, com ações contra estudantes, docentes e servidores da educação. Temos a violência contra o patrimônio público, que atinge a parte física da escola; a violência física, que resulta nas agressões; a violência verbal, que ofende e machuca as pessoas; e, o *bullying*, que é uma forma cruel de violência.

**Quais os tipos de violência que mais ocorrem dentro da sala de aula? Como elas te prejudicam? Registre propostas para acabar com a violência dentro da escola.**

**Observação para o docente 5:** após a exposição das propostas, o professor deve apresentar algumas propostas e explicar de que forma essa violência se torna prejudicial ao ensino.

#### E4.2) Produto Final

A oficina teve a responsabilidade de debater a violência na escola e no cotidiano. Este produto final tem a finalidade de deixar para a escola algo que represente a oficina. **Algumas possibilidades:**

- **Peça teatral:** uma dramatização com os alunos que conta a história da violência do cotidiano e suas consequências;
- **Documentário:** um pequeno vídeo com relatos sobre a violência na escola;
- **Cartazes:** espalhar pela escola cartazes que sensibilizem as pessoas a refletirem sobre a violência;
- **Matéria Jornalística:** produzir uma matéria sobre a violência na escola;
- **Paródia:** fazer uma paródia onde na letra retrata a violência, o *bullying*, as consequências da violência.

**“Não existe um caminho para a paz. A paz é o caminho” – Mahatma Gandhi**

**Observação para o docente 6:** o professor e os participantes podem usar a criatividade e pensar em diferentes produtos para finalizar a oficina; isso pode ser em grupos ou de forma coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência em ambiente escolares, consequência da violência existente na sociedade de modo geral, precisa ser debatida urgentemente. Além da violência entre os alunos, é preciso atenção na violência praticada contra os docentes. Assim, este trabalho, pertencente à chamada Geografia da Violência, buscou contribuir com o debate sobre o assunto, incluindo o *bullying*, que é uma forma de violência, e propor uma oficina pedagógica. Além disso, o trabalho propõe pensar a educação e o ensino como estratégias de enfrentamento da violência nas escolas. O trabalho teve como objetivo discorrer acerca da violência e da violência escolar e apresentou uma proposta de oficina pensada no combate à violência.

A palavra “violência”, geralmente, apresenta conotação negativa, gerando espanto, medo e insegurança, sentimentos que fazem parte do cotidiano de inúmeras pessoas que vivenciam o fenômeno diariamente. Da mesma forma, ela também gera uma difusão de entendimentos, ou seja, a violência é tipificada de diferentes formas. Apesar disso, a sua existência ocorre praticamente em todo o espaço geográfico e atinge a diferentes segmentos da sociedade. Além da academia, os dados revelam cenários preocupantes.

Já nas escolas, a violência ocorre em decorrência da sua própria existência no espaço geográfico. Ao mesmo tempo, a escola é – ou deveria ser – um lugar de resistência ao fenômeno da violência. A sala de aula não pode ser um ambiente onde a violência predomina e a escola não pode ser transformada em um ambiente de medo, de marginalização e de violência. Pelo contrário, deve ser de acolhimento, de manifestação das diferenças, de ensino e de aprendizagem.

Por isso, um grande desafio nos ambientes escolares é o combate ao *bullying*. Então, é preciso refletir sobre o papel do professor e da escola em relação ao *bullying*. No caso do professor, por passar mais tempo na sala de aula, precisa ficar atento às ações de *bullying*. Portanto, a comunidade escolar precisa refletir sobre formas para acabar com a violência na escola.

A oficina pedagógica apresentada teve a intenção de propor um material para ser trabalhado com os alunos, tendo em vista que há poucos materiais disponíveis para auxiliar o professor.

## O ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA: PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

### REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano 19, n. 47, 1998.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ENDLICH, Angela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. **Scripta Nova**, 01 nov. 2014.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; PENNA, Nelba Azevedo. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, p. 155-168, 2005

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA IPEA. Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSB). **Atlas da Violência 2020**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o Sentido do Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Cotidiano Escolar).

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TUAN, Yi-fu. Medo da Cidade. *In*: TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: EdUNESP, 2005, p.231-275.